



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA



Solidão em Perspectiva: Características e Determinantes em Diferentes Faixas Etárias

TERESINA – PI

2025



Giovana Lima Pereira

Solidão em Perspectiva: Características e Determinantes em Diferentes Faixas Etárias

Projeto de pesquisa como requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação do Prof. Dr. Vinícius Alexandre da Silva Oliveira.

TERESINA – PI

2024



Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. METODOLOGIA.....	07
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	09
4. CONCLUSÃO.....	24
5. REFERÊNCIAS	25



1. Introdução

A solidão tem sido amplamente reconhecida como um fenômeno universal que atravessa culturas, idades e contextos sociais. Caracterizada pela discrepância entre as conexões sociais desejadas e as reais, ela é mais do que um sentimento subjetivo, sendo apontada como um problema de saúde pública emergente (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, [2024](#)). Estudos indicam que a solidão está ligada a problemas físicos e psicológicos, como depressão, ansiedade e doenças cardiovasculares, a exemplo de (LEIGH-HUNT et al., 2017); considerando os quais, ressalta-se a urgência de uma abordagem científica que analise a solidão em suas diferentes manifestações e impactos, sobretudo nas distintas faixas etárias.

O reconhecimento da solidão como um problema global ganhou força em um contexto de transformações sociais significativas e as mudanças demográficas, como o envelhecimento populacional e o aumento das famílias unipessoais, junto com o avanço das tecnologias digitais têm moldado novas formas de interação social (SPOSATI; ALVES, 2023). Contudo, cabe considerar que, embora essas mudanças ofereçam vantagens, como a conectividade global, elas também podem criar condições propícias para a desconexão emocional (QUANDT; KLAPPROTH; FRISCHLICH, 2022), neste sentido a compreensão dessas nuances é fundamental para abordar a solidão como um fenômeno complexo e multifacetado.

A saber, Hawkley e Cacioppo (2010) destacaram que a solidão não afeta todas as faixas etárias de maneira uniforme, entende-se portanto, que cada etapa da vida apresenta desafios sociais, emocionais e culturais específicos que moldam a experiência da solidão; por exemplo, em crianças e adolescentes, ademais, ela pode estar associada a experiências de exclusão social, bullying ou falta de apoio familiar (QUALTER et al., 2015). Já entre adultos acima de 35 anos, a solidão pode emergir como resultado de sobrecarga profissional ou mudanças nas dinâmicas familiares, como o "ninho vazio" - grupo que representa os idosos, fatores como aposentadoria, limitações físicas e perdas significativas desempenham papéis importantes.

Outrossim, um estudo cujo objetivo foi analisar a frequência da solidão e suas relações com fatores sociodemográficos e de saúde em uma amostra representativa de adultos e idosos de todo o Brasil, ao avaliar a prevalência da solidão em adultos brasileiros não institucionalizados com 50 anos ou mais antes da pandemia de COVID-19, apresentou uma perspectiva relevante sobre os fatores que influenciam esse sentimento. Embora uma parcela considerável dos



participantes tenha relatado não experienciar solidão, os dados destacam que mulheres, indivíduos que moram sozinhos, aqueles sem escolaridade formal e aqueles com indicadores de depressão ou com autoavaliação negativa de saúde e qualidade do sono são mais propensos a relatar níveis elevados de solidão (SANDY JÚNIOR; BORIM; NERI, 2022). Esses achados corroboram uma ampla gama de estudos anteriores que apontam para o impacto cumulativo das condições sociodemográficas e de saúde na experiência da solidão em populações mais velhas. Conforme observado no artigo em questão, a intensidade desse sentimento é particularmente elevada em indivíduos com 80 anos ou mais, embora essa relação perca significância após ajustes estatísticos para variáveis correlacionadas.

Apesar do crescente interesse científico, persistem lacunas significativas no entendimento da solidão em diferentes faixas etárias, pois grande parte dos estudos concentra-se em populações específicas, sem explorar como variáveis culturais e históricas influenciam as experiências de solidão. Além disso, as intervenções existentes muitas vezes falham em atender às necessidades específicas de cada grupo etário, a exemplo de programas que incentivam interações digitais, os quais podem ser eficazes para jovens, mas ineficazes para idosos que enfrentam barreiras tecnológicas (DIEGUEZ; MACHADO, 2020). Essa divergência evidencia a necessidade de abordagens personalizadas.

Outra questão relevante é como as redes sociais e as mudanças tecnológicas impactam a solidão. Neste sentido, se por um lado, as plataformas digitais oferecem oportunidades para criar e manter relacionamentos; por outro lado, o uso excessivo dessas plataformas pode intensificar a sensação de isolamento, particularmente entre jovens que comparam suas vidas com as imagens idealizadas apresentadas pelo mundo virtual. Há evidências de que o uso excessivo das redes sociais está associado a uma maior percepção de solidão, particularmente entre jovens, neste sentido, um estudo verificou uma relação positiva entre o uso das redes sociais e a percepção de solidão, além de uma relação negativa entre solidão e autoestima. Isso sugere que os contatos virtuais podem não suprir a necessidade do convívio presencial, podendo até intensificar sentimentos de isolamento (FONSECA et al., 2020).

Uma questão crítica é o impacto da solidão na saúde pública, pois a solidão e o isolamento social têm sido associados a um aumento da mortalidade de uma forma geral (LEIGH-HUNT et al., 2017). Em seu estudo, denominado “An overview of systematic reviews on the public



health consequences of social isolation and loneliness", Leigh-Hunt et al. (2017) destacaram que o impacto do isolamento e da solidão, em condições que não são psicológicas ou cardiovasculares, e suas consequências socioeconômicas ainda não estão completamente claros, sendo necessário que se realizem mais pesquisas sobre as associações com o câncer, comportamentos de saúde e os efeitos ao longo da vida, além das consequências socioeconômicas mais amplas. Os formuladores de políticas públicas, assim como os responsáveis pela saúde e administração local, devem considerar o isolamento social e a solidão como fatores determinantes importantes que influenciam a morbidade e a mortalidade, devido ao seu impacto na saúde cardiovascular e mental (LEIGH-HUNT et al., 2017). Assim, estratégias de prevenção devem ser desenvolvidas nos setores público e voluntário, com uma abordagem baseada em recursos comunitários.

A escolha de abordar a solidão de maneira etária se baseia na compreensão de que as conexões sociais desempenham papéis distintos ao longo da vida, assim, essa análise por faixa etária procura oferecer uma visão mais detalhada das especificidades desse fenômeno em cada fase da vida.

Ao integrar conhecimentos de pesquisas científicas de relevância global, esta pesquisa também tem como objetivo investigar as características da solidão e diversos fatores que podem se correlacionar a esse fenômeno.

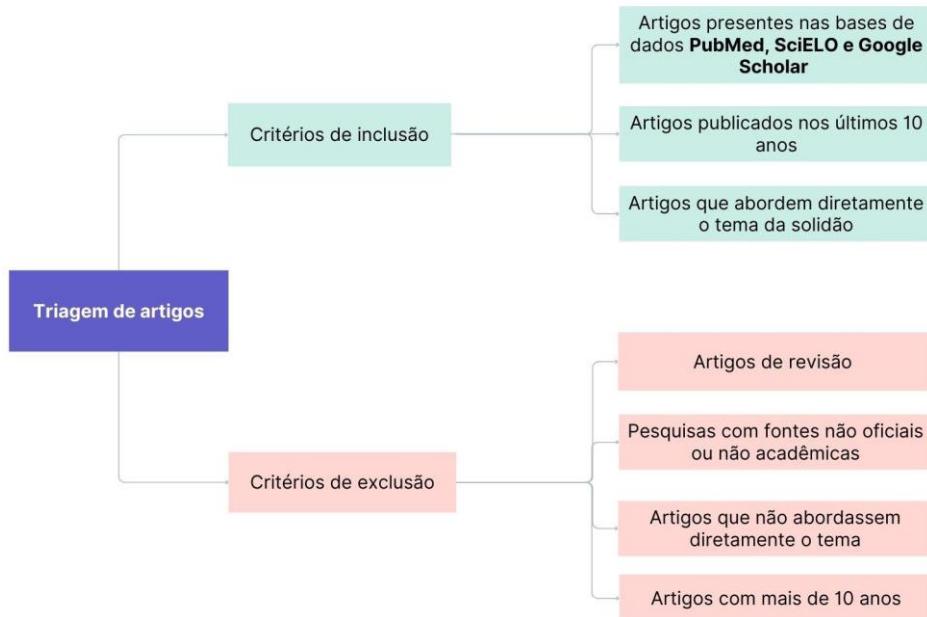
Por fim, espera-se que este trabalho não apenas contribua para o avanço do conhecimento científico, mas também sirva como base para a formulação de políticas públicas que levem em consideração as diferentes idades.



2. Metodologia

Este artigo consiste em uma revisão bibliográfica que busca sintetizar características da solidão em diferentes faixas etárias, utilizando literatura acadêmica relevante. Para tanto, foram incluídos artigos publicados nos últimos 10 anos. A saber, artigos de revisão foram excluídos, bem como as pesquisas com fontes não oficiais ou não acadêmicas ou artigos que não abordassem diretamente o tema.

As buscas foram realizadas em bases de dados confiáveis, como PubMed, SciELO e Google Scholar, utilizando combinações de palavras-chave relevantes ao tema, incluindo "Loneliness AND age groups AND mental health" e "crisis AND loneliness AND public health." Operadores booleanos foram empregados para refinar os resultados e aumentar a precisão das buscas, ainda, para uma análise mais culturalmente diversa foram selecionadas pesquisas provenientes de vários países.



Sobre o processo de seleção dos artigos, este seguiu três etapas. Primeiramente, foram lidos títulos e resumos para identificar os artigos mais relevantes; em seguida, os estudos que atenderam aos critérios de inclusão foram analisados; e, por fim, as informações dos artigos selecionados foram organizadas em texto corrido contendo dados como autor, ano, objetivo, metodologia da pesquisa e principais resultados.



Os dados dos artigos foram agrupados em tópicos separados por faixa etária e cada tópico apresenta fatores de risco para aquele grupo, impactos da solidão em diferentes contextos e estratégias de intervenção e prevenção. A análise e síntese foram realizadas de forma crítica, destacando lacunas na literatura, convergências entre os estudos e sugestões para futuras pesquisas. Destaca-se que a lógica e o método utilizados serviram para assegurar importante rigor científico, a fim de fundamentar as discussões apresentadas no artigo.

Inicialmente, foram encontrados 35 trabalhos no banco de dados PUBMED, 3 no Banco de Teses e Dissertações Scielo, e 2 no Google Scholar, totalizando 40. Dos 40 trabalhos, 20 foram descartados por não se encaixarem nos critérios de inclusão, restando apenas 20 artigos. Desse modo, esse estudo revisou 20 trabalhos publicados em inglês e português, cujo foco de discussão foi o fenômeno descrito como solidão e sua relação com diferentes faixas etárias.

Para a análise dos dados obtidos, utilizou-se a abordagem de gêneros discursivos proposta por Mikhail Bakhtin, que considera os gêneros como formas de organização da linguagem vinculadas aos contextos sociais, históricos e culturais em que são produzidos. Essa perspectiva permitiu categorizar e interpretar os artigos científicos selecionados, destacando como os textos refletem padrões discursivos próprios da comunicação acadêmica e científica. A análise focou na estrutura dos textos, nos objetivos declarados, nas metodologias empregadas e nos argumentos apresentados, identificando não apenas o conteúdo informacional, mas também as estratégias discursivas que moldam o entendimento sobre a solidão nas diferentes faixas etárias. Tal abordagem garantiu uma leitura crítica e contextualizada dos artigos, contribuindo para uma síntese mais robusta e fundamentada do tema estudado.



3. Resultados e Discussão

A solidão, definida como a discrepância percebida entre as relações sociais desejadas e reais, foi investigada nos 20 artigos revisados, abrangendo quatro faixas etárias: adolescentes, jovens adultos, adultos e idosos.

A saber, observou-se que os efeitos da solidão variam em intensidade e forma de acordo com a idade, mas apresentam impacto significativo e multifacetado em todas as fases da vida, assim, esta seção sintetiza os achados relacionados às causas sociais da solidão e suas consequências para a saúde pública e individual.

1. Solidão na adolescência

O estudo realizado por Gerine M. A. Lodder, Ron H. J. Scholte, Luc Goossens e Maaike Verhagen, em 2015, teve como objetivo examinar a relação entre a solidão na adolescência inicial, a quantidade e a qualidade das amizades. A pesquisa buscou entender se a percepção dos adolescentes sobre a quantidade e qualidade das amizades, assim como as percepções de seus colegas, estavam relacionadas à solidão. Esta pesquisa envolveu 1.172 adolescentes holandeses, com uma média de idade de 12,81 anos, dos quais 49,1% eram do sexo masculino. Ademais, neste estudo, os adolescentes nomearam seus amigos e avaliaram a qualidade de suas amizades, enquanto a quantidade de amizades foi medida por meio de sociometria, que distinguiam amizades recíprocas de unilaterais. A pesquisa incluiu análises de interdependência ator-parceiro para avaliar a relação entre a solidão e a qualidade da amizade.

Os principais resultados indicaram que a solidão estava relacionada a um número menor de amizades recíprocas e unilaterais, além de uma qualidade inferior na melhor amizade. A análise ator-parceiro revelou que a solidão dos adolescentes estava associada a uma avaliação menos positiva de suas amizades, conforme relatado pelos próprios adolescentes, mas não pelos seus amigos, assim, esses resultados sugeriram que a solidão está negativamente relacionada à quantidade de amigos que os adolescentes têm e, uma vez estabelecida uma amizade, os adolescentes solitários tendem a interpretar a qualidade dessa amizade de forma menos positiva em comparação com seus amigos. A pesquisa também indicou que a solidão pode ser influenciada tanto por déficits reais no ambiente social quanto por percepções



distorcidas desse ambiente, sugerindo que tanto a hipótese de viés quanto a hipótese de déficit reconhecido são válidas.

O estudo realizado por Maes et al. (2015) teve como objetivo examinar a ocorrência da solidão relacionada aos pais e aos pares, bem como as atitudes positivas e negativas em relação à solidão durante a adolescência, adotando uma abordagem centrada na pessoa. O foco da pesquisa foi identificar grupos de adolescentes que compartilham padrões semelhantes de solidão e atitudes sobre estar sozinho, além de investigar a vulnerabilidade desses grupos em relação à autoestima, características de personalidade, responsividade parental, controle psicológico e funcionamento do grupo de pares.

A pesquisa foi conduzida com três amostras independentes, totalizando cerca de 1800 adolescentes, dos quais 61% eram do sexo feminino. Para tanto, foi utilizada a análise de cluster para identificar grupos significativos com base nas pontuações de solidão e nas atitudes em relação à solidão, ademais, neste estudo, a coleta de dados incluiu questionários de autoavaliação e questionários de avaliação pelos pais.

Os resultados principais indicaram a identificação de seis grupos significativos, que apresentaram diferentes associações com a autoestima dos adolescentes, características de personalidade, responsividade parental e funcionamento do grupo de pares. Três desses grupos apresentaram um padrão adaptativo (Indiferença, Moderado e Atitude Negativa em Relação à Solidão), enquanto outros três mostraram um padrão mal adaptativo (Solidão Relacionada a Pares, Atitude Positiva em Relação à Solidão e Solidão Relacionada a Pais). Pelos estudos, os adolescentes nos grupos de solidão relacionados a pais e pares podem precisar de apoio nas suas relações sociais, enquanto aqueles com atitudes positivas em relação à solidão podem estar perdendo oportunidades importantes para interações sociais. Ademais, esses achados sugerem a necessidade de intervenções específicas para esses grupos.

O estudo realizado por Sofie Danneel e colaboradores, em 2020, teve como objetivo investigar as trajetórias de solidão, sintomas de ansiedade social e sintomas depressivos durante a adolescência, analisando se esses problemas internos seguem tendências de desenvolvimento distintas ou se estão inter-relacionados. Além disso, o estudo buscou explorar as diferenças de gênero nessas trajetórias. A pesquisa adotou uma abordagem longitudinal, com três amostras independentes de adolescentes na Bélgica, cujos dados foram coletados em três ondas ao longo



de um ano, assim as amostras foram compostas por 549, 811 e 1101 adolescentes, e modelos de crescimento latente foram aplicados para analisar as tendências de desenvolvimento dos três fenômenos.

Os principais resultados indicaram que solidão, sintomas de ansiedade social e sintomas depressivos não seguem uma única tendência de desenvolvimento, mas sim trajetórias únicas, porém inter-relacionadas ao longo da adolescência. Embora esses três problemas fossem distintos, eles apresentaram correlações significativas em suas mudanças ao longo do tempo, sugerindo que o aumento de um tipo de problema está associado ao aumento de outros. Em relação às diferenças de gênero, as análises mostraram que as meninas apresentaram níveis iniciais mais altos de sintomas de ansiedade social e depressivos em comparação aos meninos. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas nas trajetórias de desenvolvimento ou co-desenvolvimento entre os gêneros. Estes resultados sublinham a importância de considerar a inter-relação entre solidão, ansiedade social e depressão na adolescência, além de destacar a necessidade de intervenções que abordem esses problemas de forma integrada.

O estudo de Larissa L. Wieczorek, Sarah Humberg, Denis Gerstorf e Jenny Wagner, realizado em 2021, teve como objetivo entender a solidão na adolescência, testando hipóteses concorrentes sobre a interação entre os traços de personalidade de extroversão e neuroticismo e sua relação com a solidão. A pesquisa utilizou dados transversais e longitudinais de duas amostras de adolescentes, totalizando 583 participantes, com média de idade de 17,57 anos e 60,55% de meninas. A abordagem teórica combinada com regressão polinomial foi usada para analisar as associações entre os traços de personalidade e a solidão, considerando efeitos lineares e não lineares, além de interações entre os traços.

Os principais resultados do estudo mostraram que a solidão foi predita por níveis mais baixos de extroversão e níveis mais altos de neuroticismo, sendo que o neuroticismo se revelou um preditor mais forte em uma das amostras. Em termos de efeitos não lineares, observou-se uma associação exponencial entre neuroticismo e solidão, o que indica que o impacto do neuroticismo na solidão aumenta conforme os níveis do traço se elevam. A extroversão, por sua vez, apresentou um efeito saturante, ou seja, altos níveis de extroversão não resultaram em uma diminuição adicional da solidão.



Quanto às facetas da solidão, ambos os traços previram a solidão emocional, mas apenas a extraversão foi capaz de prever a solidão social. Em relação às mudanças longitudinais, as variações na solidão ao longo do tempo estavam principalmente associadas ao neuroticismo, enquanto a extraversão teve um papel menor nessas mudanças. Esses resultados destacam a importância de considerar a interação entre os traços de personalidade e suas associações com diferentes facetas da solidão na adolescência.

O estudo realizado por Hunter et al. (2024) teve como objetivo identificar os resultados das mudanças na solidão durante a adolescência, dentro de uma estrutura multidimensional de solidão. O estudo analisou especificamente os efeitos de diferentes trajetórias de solidão de isolamento e solidão de amizade sobre o bem-estar positivo e os sintomas de depressão.

A pesquisa foi longitudinal e envolveu 1.782 jovens, sendo 43% do sexo feminino, com idade média de 12,92 anos no início do estudo; e, ao longo de quatro pontos de coleta de dados durante um período de dois anos, foram identificadas quatro trajetórias de solidão de isolamento e cinco trajetórias de solidão de amizade. Os participantes responderam a escalas de solidão, sintomas de depressão e bem-estar mental positivo.

Os principais resultados indicaram que os jovens que experimentaram baixos níveis de solidão de isolamento que aumentaram ao longo do tempo estavam em maior risco de apresentar sintomas de depressão e menor bem-estar positivo. Trajetórias de solidão de amizade que começaram com níveis altos e diminuíram rapidamente, ou que começaram com níveis baixos e aumentaram marginalmente, também apresentaram riscos semelhantes. A maioria dos jovens (74,7%) estava em uma trajetória de solidão de isolamento baixa e estável, enquanto 54,5% estavam em uma trajetória de solidão de amizade alta e estável. As trajetórias de solidão mostraram associações significativas com a sintomatologia depressiva e o bem-estar positivo, evidenciando que a solidão é um construto multidimensional que impacta a saúde mental dos jovens.

Os estudos analisados compartilham algumas semelhanças significativas em suas abordagens e resultados. Todos eles destacam a solidão como uma experiência multifacetada que interage com outros fatores, como a qualidade das amizades (Lodder et al., 2015), traços de personalidade (Wieczorek et al., 2021) e sintomas de ansiedade social e depressivos (Danneel et al., 2020). Além disso, Maes et al. (2015) e Danneel et al. (2020) reconheceram a existência



de padrões ou trajetórias distintas de solidão, evidenciando que ela não se manifesta de forma uniforme entre os adolescentes. Por fim, todos os estudos enfatizaram as implicações da solidão para a saúde mental, apontando sua associação com problemas emocionais e sociais, como depressão, ansiedade e dificuldades nas relações interpessoais.

2. Solidão entre Adultos

2. 1. Solidão no início da vida adulta(18 - 25 anos)

O estudo conduzido por Su-Wan Gan, Lean Suat Ong, Choy Hua Lee e Yee Sin Lin, publicado em 2020, investigou o papel da solidão como mediadora na relação entre suporte social percebido e satisfação com a vida entre jovens adultos chineses na Malásia. A pesquisa contou com 275 participantes, com idade média de 22,41 anos (DP = 1,76), sendo 57,5% mulheres, que responderam a questionários autoaplicados sobre suporte social percebido, solidão e satisfação com a vida. A análise foi realizada por meio da modelagem de equações estruturais (SEM).

Os resultados revelaram que a solidão exerce um efeito de mediação parcial, indicando que jovens adultos que percebem maior suporte social apresentam níveis mais baixos de solidão, o que, por sua vez, está associado a níveis mais elevados de satisfação com a vida. O estudo integrou a teoria "bottom-up" do bem-estar subjetivo(abordagem que investiga como fatores externos, como situações de vida e variáveis sociodemográficas, podem influenciar a felicidade) e a teoria cognitiva social para explicar o processo de mediação, destacando a importância do suporte social e da redução da solidão para promover a satisfação com a vida. Os autores sugeriram intervenções direcionadas para otimizar o suporte social e reduzir a solidão, a fim de melhorar a qualidade de vida dessa população.

O estudo conduzido por Renae D. Schmidt, Daniel J. Feaster, Viviana E. Horigian e Richard M. Lee, publicado em 2022, investigou os impactos da pandemia de COVID-19 nos Estados Unidos sobre solidão e conexão social em jovens adultos. A pesquisa tinha como objetivo compreender quem foi mais afetado pela solidão e desconexão social durante esse período e como esses fatores estavam relacionados a sintomas de saúde mental, como depressão e ansiedade, além do consumo de álcool e drogas. Para isso, foi realizada uma análise de classes latentes (*Latent Class Analysis, LCA*), técnica estatística que identifica grupos



não observáveis em um conjunto de dados e é baseada em padrões de respostas observadas em variáveis categóricas, permitindo identificar características que indicam bem os grupos (é especialmente valiosa quando as variáveis observadas não são suficientes para descrever a complexidade dos dados. Tal técnica foi utilizada em dados obtidos em uma pesquisa online anônima, que contou com 1008 participantes de 18 a 35 anos de idade.

Os resultados identificaram quatro classes distintas: (1) Solitários e Desconectados, que apresentaram altos níveis de solidão e desconexão social; (2) Moderadamente Solitários e Desconectados, com níveis adaptativos de isolamento e desconexão; (3) Sentimentos Ambivalentes, caracterizados por respostas mistas a itens negativos e positivos das escalas; e (4) Conectados e Não Solitários, com os menores níveis de solidão e desconexão.

As descobertas destacaram diferenças significativas nos sintomas de saúde mental e no uso de substâncias entre as classes. O estudo também apontou a utilidade da LCA para identificar subgrupos específicos que necessitam de intervenções e ressaltou o papel da conexão social na promoção da resiliência entre jovens adultos durante períodos de isolamento social.

O estudo conduzido por Timothy Matthews, Andrea Danese, Jasmin Wertz, Candice L. Odgers, Antony Ambler, Terrie E. Moffitt e Louise Arseneault, publicado em 2016, teve como objetivo investigar as relações entre isolamento social, solidão e depressão em jovens adultos, avaliando se essas associações poderiam ser explicadas por influências genéticas. Utilizando dados do Environmental Risk Longitudinal Twin Study, uma coorte de 1116 pares de gêmeos do mesmo sexo nascidos na Inglaterra e no País de Gales entre 1994 e 1995, os participantes relataram níveis de isolamento social, solidão e sintomas depressivos. As associações foram testadas por meio de análises de regressão, e o desenho de estudo com gêmeos permitiu estimar a variância explicada por fatores genéticos e ambientais.

Os resultados mostraram que isolamento social e solidão estavam moderadamente correlacionados ($r = 0,39$), mas representavam construtos distintos. Ambos os fatores foram associados à depressão, com a solidão apresentando uma associação mais robusta. A influência genética foi estimada em 40% para o isolamento social, 38% para a solidão e 29% para os sintomas depressivos. As correlações genéticas (0,65 entre isolamento e solidão e 0,63 entre solidão e depressão) indicaram um papel relevante dos genes na coocorrência desses fenótipos.



Concluiu-se que jovens adultos socialmente isolados não necessariamente experimentam solidão, mas aqueles que sentem solidão frequentemente sofrem de depressão, em parte devido à sobreposição genética. Intervenções devem focar tanto em aumentar conexões sociais quanto em abordar os sentimentos subjetivos de solidão.

O estudo realizado por Chih-Yuan Steven Lee e Sara E. Goldstein, publicado em 2016, teve como objetivo examinar como o suporte social de diferentes fontes (família, amigos e parceiros românticos) atua na proteção contra o estresse e a solidão em jovens adultos durante a transição para a vida adulta. A pesquisa também buscou entender se a associação entre suporte social e solidão variava conforme a fonte de apoio, controlando o nível de estresse, e como as diferenças de gênero influenciavam essas relações.

A metodologia envolveu 636 jovens universitários etnicamente diversos, com idades entre 18 e 25 anos, dos quais 80% eram mulheres. Os participantes responderam a questionários que mediram níveis de suporte social, estresse e solidão. Análises estatísticas foram utilizadas para explorar os efeitos das fontes de suporte social sobre a solidão, especialmente sob condições de estresse.

Os resultados indicaram que apenas o suporte de amigos teve um papel protetor significativo contra a solidão associada ao estresse. Além disso, ao manter constante o nível de estresse, o suporte de amigos e parceiros românticos mostrou-se negativamente associado à solidão, enquanto o suporte familiar não teve impacto relevante. Diferenças de gênero também foram identificadas: baixos níveis de suporte de amigos e familiares tiveram um efeito mais adverso na solidão de mulheres do que de homens. O estudo concluiu que o suporte social de amigos e parceiros românticos é fundamental para reduzir a solidão em jovens adultos e que intervenções devem considerar as especificidades das fontes de suporte e as diferenças entre gêneros.

O estudo publicado em 2022, conduzido por Kathy E. Rovito, R. Patti Herring, W. Lawrence Beeson, Thelma Gamboa-Maldonado e Jerry W. Lee, teve como objetivo investigar os correlatos socioecológicos da solidão em homens jovens adultos nos Estados Unidos. O estudo buscou identificar variáveis nos níveis intrapessoal, interpessoal, comunitário e societal que se associam à solidão. A pesquisa foi realizada por meio de um levantamento transversal, utilizando um questionário eletrônico com 495 participantes masculinos, com idades entre 18 e 25 anos.



Neste, a solidão foi medida como uma variável composta, e os dados foram analisados por meio de um modelo de regressão hierárquica, com os blocos representando os diferentes níveis socioecológicos.

Os resultados indicaram que os fatores nos níveis intrapessoal e interpessoal foram os mais significativos para explicar a solidão, sendo responsáveis por 10% e 3% da variância explicada, respectivamente. Entre os fatores associados à solidão, destacaram-se o diagnóstico de saúde mental ($\beta = 1.06$), o abuso físico e emocional na infância ($\beta = 0.21$) e o abuso sexual na infância ($\beta = 0.30$). O estudo concluiu que os fatores micro (intra e interpessoais) têm maior relevância na predição da solidão em homens jovens adultos, especialmente entre aqueles com diagnóstico de saúde mental ou histórico de adversidade na infância. Destaca-se que, estes achados ressaltam a importância de intervenções focadas em fatores individuais e relacionais, além de informar políticas e direções para pesquisas futuras.

Os estudos de Gan et al. (2020), Schmidt et al. (2022), Lee e Goldstein (2016), e Rovito et al. (2022) apresentam algumas semelhanças e diferenças significativas no que se refere ao foco, metodologia e resultados. Todos os estudos abordam o tema da solidão e seu impacto na saúde, principalmente em jovens adultos, e a influência do suporte social sobre a solidão. No entanto, cada pesquisa se foca em aspectos específicos e contextos diferentes.

As semelhanças entre os estudos incluem o fato de todos investigarem a solidão e a relação dela com o suporte social. Por exemplo, o estudo de Gan et al. (2020) destaca a solidão como mediadora entre o suporte social percebido e a satisfação com a vida, enquanto Schmidt et al. (2022) exploram o impacto da pandemia de COVID-19 sobre solidão e saúde mental em jovens adultos. Lee e Goldstein (2016) investigam o papel do suporte social no enfrentamento da solidão durante o estresse, enquanto Rovito et al. (2022) analisam a solidão sob uma perspectiva socioecológica, destacando fatores intrapessoais e interpessoais. Todos os estudos utilizam métodos quantitativos, como regressão e modelagem de equações estruturais.

As diferenças entre os estudos estão nos contextos e nas populações investigadas. Gan et al. (2020) estudam jovens adultos chineses na Malásia, enquanto Schmidt et al. (2022) se concentram nos efeitos da pandemia nos Estados Unidos. Lee e Goldstein (2016) analisam universitários etnicamente diversos nos EUA, enquanto Rovito et al. (2022) se focam em homens jovens adultos e examinam fatores socioecológicos que afetam a solidão. Além disso, o objetivo



dos estudos varia: enquanto Gan et al. (2020) exploram a mediação da solidão, Schmidt et al. (2022) investigam a solidão no contexto da pandemia e saúde mental, e Lee e Goldstein (2016) avaliam o suporte social frente ao estresse e solidão. Rovito et al. (2022) focam em como fatores intrapessoais e interpessoais afetam a solidão em jovens adultos, destacando o papel de condições de saúde mental e adversidades na infância.

Essas diferenças refletem a diversidade de abordagens no estudo da solidão e do suporte social, e a necessidade de intervenções específicas para cada contexto

2. 2. Solidão entre adultos acima de 25 anos(26 - 59 anos)

O estudo de Patrick L. Hill, Gabriel Olaru e Mathias Allemand (2023) investigou como as associações entre senso de propósito, apoio social (recebido e fornecido) e solidão se manifestam ao longo da vida adulta. Utilizou-se uma amostra nacionalmente representativa de 2.312 adultos suíços, com média de idade de 52,34 anos (DP = 17,35), que completaram medidas sobre esses construtos. A análise foi realizada por meio de modelagem de equações estruturais locais para estimar as médias e associações entre os elementos ao longo do ciclo da vida.

Os resultados mostraram que o senso de propósito está negativamente associado à solidão e positivamente relacionado com o apoio social recebido e fornecido. Não houve evidências de moderação pela idade na associação entre senso de propósito e solidão. Entretanto, as associações entre senso de propósito e as formas de apoio social diminuíram com o avanço da idade. O estudo concluiu que o senso de propósito está consistentemente associado a maior bem-estar social e a menores níveis de solidão, destacando a relevância desse construto no contexto das relações sociais. Os resultados foram discutidos à luz das teorias do desenvolvimento adulto.

O estudo conduzido por Joan Domènec-Abella e colaboradores em 2017 analisou a influência das redes sociais na relação entre solidão e depressão em adultos mais velhos na Espanha. Utilizando uma amostra representativa de 3535 adultos com 50 anos ou mais, a pesquisa avaliou a solidão por meio da Escala de Solidão de UCLA, as características da rede social pelo Índice de Rede Social de Berkman-Syme e a presença de depressão com uma versão



adaptada do Composite International Diagnostic Interview (CIDI). Para a análise dos dados, foram aplicados modelos de regressão logística.

Os resultados indicaram que a solidão foi mais prevalente entre mulheres, pessoas com idade entre 50 e 65 anos, solteiras, separadas, divorciadas ou viúvas, que viviam em áreas rurais, apresentavam redes sociais menores, menor frequência de interações sociais e depressão. Entre os participantes solitários, aqueles com depressão eram frequentemente casados e possuíam uma rede social limitada, enquanto, entre os não solitários, a depressão estava associada ao histórico de casamento anterior. O estudo revelou ainda que o tamanho e o tipo das redes sociais influenciam significativamente a relação entre solidão e depressão, destacando que estratégias para aumentar a interação social podem ser mais eficazes do que focar apenas em melhorar a cognição social para reduzir a prevalência de depressão em idosos espanhóis.

A pesquisa feita por Hwanseok Choi, Michelle Brazeal, Likhitha Duggirala e Joohee Lee, publicado em 2020, teve como objetivo identificar os fatores de risco e proteção associados à solidão e à depressão entre adultos residentes na região costeira do Mississippi. A pesquisa foi realizada com 310 adultos de três condados costeiros, e os dados foram analisados por meio de análises bivariadas e regressões logísticas múltiplas. Os resultados mostraram que a solidão estava associada ao estado civil, seguro de saúde, renda, apoio social percebido e resiliência comunitária. Já a depressão foi correlacionada com o estado civil, seguro de saúde, educação, renda, apoio social percebido e resiliência comunitária. Foi encontrada uma correlação significativa entre solidão e depressão. Além disso, a regressão logística revelou que a raça, o estado civil, a renda, o apoio social percebido e a resiliência comunitária previam a solidão, enquanto a renda e o apoio social percebido eram preditores da depressão. Os achados indicam que, além de fatores individuais e interpessoais, a comunidade desempenha um papel crucial na redução da solidão.

O estudo intitulado *Solidão como variável preditora na depressão em adultos* foi conduzido por Sabrina Martins Barroso, Makilim Nunes Baptista e Cristian Zanon, e foi publicado em 2020. O objetivo da pesquisa foi avaliar a solidão como um fator preditivo na depressão em adultos, considerando o controle de outras variáveis preditoras, como ansiedade, estresse, neuroticismo e fatores clínicos. A amostra foi composta por 297 universitários de Minas Gerais, São Paulo e



Rio de Janeiro. As escalas utilizadas para coleta de dados foram a EBADEP-A, DASS-21, UCLA, MHI-5 e IGFP-5.

Na metodologia, foi realizada uma regressão múltipla hierárquica para identificar os principais preditores da depressão. Os resultados indicaram que a saúde mental, o neuroticismo, a ansiedade e a solidão foram os principais preditores da depressão. Após o controle das variáveis, a solidão foi responsável por um aumento de 1% na variância isolada do modelo, demonstrando ser uma das variáveis mais importantes relacionadas à depressão. Os resultados sugerem que a solidão desempenha um papel crucial no desenvolvimento e manutenção da depressão, sendo relevante para a prática clínica e para intervenções.

Já na pesquisa feita por Samuele Zilioli e Yanping Jiang, publicado em 2021, objetivou-se investigar os efeitos da solidão e do isolamento social nos sistemas endócrino e imunológico ao longo da vida adulta. Os pesquisadores buscaram abordar lacunas na literatura, como a análise simultânea dos impactos do isolamento social e da solidão nos resultados biológicos e a modulação dos efeitos pela idade.

A metodologia envolveu a análise de dados do estudo MIDUS Refresher (N = 314), com participantes adultos entre 25 e 75 anos. Foram examinadas as associações entre dois indicadores de isolamento social (estado de moradia e frequência de contatos sociais) e solidão com a secreção diária de cortisol, além de dois marcadores de inflamação sistêmica (proteína C-reativa [CRP] e interleucina-6 [IL-6]).

Os principais resultados mostraram que viver sozinho estava associado a uma curva diurna de cortisol achatada (indicativa de um eixo HPA desregulado) e níveis mais elevados de CRP, independentemente da solidão. Por outro lado, a solidão foi associada a níveis mais elevados de IL-6, além dos efeitos do isolamento social. No entanto, a solidão não mediou os efeitos do isolamento social sobre o cortisol ou o CRP, e a idade não moderou nenhuma das relações observadas.

Esses achados reforçam a ideia de que o isolamento social e a solidão têm efeitos biológicos únicos e independentes, apesar de estarem relacionados, e sugerem que entender esses mecanismos biológicos pode ter implicações críticas para o desenvolvimento de intervenções e políticas de saúde pública.



Um ponto em comum entre os estudos de Hill et al. (2023), Domènec-Abella et al. (2017), Choi et al. (2020), Barroso et al. (2020) e Zilioli e Jiang (2021) é o foco em populações adultas e a identificação da solidão como uma variável importante associada a outros resultados de saúde. Hill et al. (2023) destacam como o senso de propósito está negativamente relacionado à solidão e como o apoio social pode moderar essa relação. Domènec-Abella et al. (2017) analisam como as redes sociais afetam a relação entre solidão e depressão, com um enfoque específico nos idosos. Choi et al. (2020) exploram como fatores como estado civil, renda e resiliência comunitária estão associados à solidão e à depressão. Barroso et al. (2020) discutem como a solidão pode ser preditiva da depressão, controlando variáveis como ansiedade e estresse. Zilioli e Jiang (2021), por sua vez, se concentram em como o isolamento social e a solidão afetam os sistemas endócrino e imunológico.

Em relação às diferenças, as amostras e os métodos variam. Hill et al. (2023) utilizaram uma amostra suíça de adultos com idades variadas e aplicaram modelagem de equações estruturais, enquanto Domènec-Abella et al. (2017) se focaram em adultos mais velhos na Espanha e usaram regressão logística. Choi et al. (2020) trabalharam com uma amostra de adultos dos Estados Unidos, investigando também a resiliência comunitária, e Barroso et al. (2020) focaram em universitários no Brasil, com uma abordagem centrada na depressão e controle de múltiplas variáveis. Zilioli e Jiang (2021), por outro lado, investigaram os efeitos biológicos do isolamento social e da solidão, utilizando dados do estudo MIDUS.

Solidão na Terceira idade

O estudo realizado por Emine Ergin, Dilek Yıldırım, Cennet Çırış Yıldız e Sevinc Yıldırım Uşenmez, publicado em 2023, investigou a associação entre a ansiedade em relação à morte, a solidão e o bem-estar psicológico em idosos residentes de um asilo em Istambul, Turquia. A pesquisa, de caráter descritivo correlacional, envolveu 165 participantes e foi conduzida entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022. Neste, foram utilizados instrumentos como o Formulário de Características Sociodemográficas, a Escala de Ansiedade em Relação à Morte (DAS), a Escala de Solidão para Idosos (LSE) e a Escala de Bem-Estar Psicológico. Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas, correlação de Pearson e análise de qui-quadrado.



Os resultados revelaram um nível moderado de ansiedade, presente em 33,3% dos participantes. Na Escala de Solidão, a pontuação média indicou um nível aceitável de solidão. Já a pontuação média na Escala de Bem-Estar Psicológico foi considerada acima da média. Uma correlação negativa fraca foi identificada entre o bem-estar psicológico e a solidão ($r = 0.345$; $p < 0.001$), indicando que maiores níveis de bem-estar psicológico estão associados a menores níveis de solidão. Não foram observadas correlações significativas entre a ansiedade em relação à morte e variáveis sociodemográficas, como gênero, estado civil, nível educacional e presença de doenças crônicas.

O estudo de nome “Differences in determinants of active aging between older Brazilian and English adults: ELSI-Brazil and ELSA”, teve como objetivo investigar as diferenças nos determinantes do envelhecimento ativo entre idosos brasileiros e ingleses, além de analisar a associação de determinantes comportamentais, pessoais e sociais com a saúde física (Silva et al., 2020). A pesquisa utilizou dados das coortes ELSI-Brasil (2015-2016) e ELSA (2016-2017), abrangendo 16.642 participantes (9.409 brasileiros e 7.233 ingleses).

Os determinantes do envelhecimento ativo analisados incluíram fatores comportamentais (como tabagismo, sedentarismo e má qualidade do sono), pessoais (função cognitiva e satisfação com a vida) e sociais (educação, solidão e voluntariado), conforme recomendação da Organização Mundial da Saúde. A saúde física foi avaliada por meio de indicadores como limitação de atividades e multimorbidade.

A pesquisa constatou que todos os determinantes do envelhecimento ativo foram piores no Brasil do que na Inglaterra, exceto a satisfação com a vida, que não apresentou diferenças significativas. A diferença mais notável foi encontrada nos determinantes sociais, especialmente na escolaridade, que foi significativamente menor no Brasil (70,6%) em comparação com a Inglaterra (37,1%). Além disso, os determinantes (comportamentais, pessoais e sociais) mostraram-se associados à saúde física tanto no Brasil quanto na Inglaterra, sendo que o domínio comportamental foi mais fortemente associado à saúde na Inglaterra (coeficiente = 2,76) do que no Brasil (coeficiente = 1,38), sugerindo que os idosos ingleses se beneficiam mais de comportamentos saudáveis, enquanto os brasileiros dependem mais de políticas sociais para manter a saúde.



Moshtagh, Salmani, Moodi, Miri e Sharifi (2022) investigaram os determinantes da solidão entre idosos em Birjand, Irã, buscando compreender como fatores como recursos pessoais, gênero, condição de saúde e idade influenciam a solidão nessa população. O estudo, parte do *Birjand Longitudinal Aging Study* (BLAS), utilizou uma amostra de indivíduos com mais de 60 anos, selecionados por amostragem aleatória por conglomerados. Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas, com questionários padronizados como o *Patient Health Questionnaire* (PHQ-9) e o *Short-Form-12* (SF-12). A análise de caminho identificou relações diretas e indiretas entre os preditores de solidão.

Os resultados indicaram que o número de filhos e o humor (construto quantificado em questionário) eram determinantes críticos da solidão. De forma geral, ter mais filhos reduziu a solidão ($\text{Beta} = -0,074$, $P = 0,008$), enquanto o humor teve um impacto significativo, aumentando a sensação de solidão ($\text{Beta} = 0,141$, $P < 0,001$). Entre as mulheres mais velhas, o humor foi o principal preditor da solidão ($\text{Beta} = 0,142$, $P = 0,001$), enquanto, entre os homens, o número de filhos foi o fator mais relevante ($\text{Beta} = -0,112$, $P = 0,006$). O estudo ressaltou que idosos com menos filhos relataram maiores níveis de solidão, destacando a importância do apoio familiar na redução dessa sensação na terceira idade.

O artigo intitulado "*Loneliness as a Public Health Issue: The Impact of Loneliness on Health Care Utilization Among Older Adults*", de autoria de Kerstin Gerst-Emerson e Jayani Jayawardhana, publicado em 2015, tem como objetivo investigar se a solidão está associada a um maior uso de serviços de saúde entre adultos mais velhos nos Estados Unidos. Para isso, os autores utilizaram dados do *Health and Retirement Study*, abrangendo os anos de 2008 e 2012. A amostra foi composta por indivíduos com 60 anos ou mais que viviam na comunidade, e os dados foram analisados por meio de modelos de regressão binomial negativa, avaliando a associação da solidão com consultas médicas e hospitalizações.

Os resultados demonstraram que uma proporção considerável de idosos relatou sentir solidão, e a solidão crônica (definida como solidão relatada tanto em 2008 quanto quatro anos depois) esteve significativamente associada a um aumento no número de visitas médicas ($\beta = 0,075$, $SE = 0,034$). No entanto, a solidão não apresentou associação significativa com hospitalizações. Os autores concluíram que a solidão é uma preocupação importante de saúde pública para os idosos, e que a identificação e implementação de intervenções direcionadas a



este grupo podem não apenas aliviar o sofrimento individual, mas também reduzir o número de consultas médicas e os custos associados aos cuidados de saúde.

Os estudos analisados apresentam similaridades e diferenças importantes em relação à solidão entre idosos. Todos compartilham o foco na população idosa, investigando variáveis como saúde mental, apoio social, redes sociais e bem-estar. Além disso, utilizam abordagens quantitativas para coleta e análise de dados, com o uso de questionários padronizados e escalas reconhecidas, como a Escala de Solidão de UCLA, SF-12 e modelagem de equações estruturais. Outro ponto comum é a ênfase nas consequências da solidão, que variam desde aumento de consultas médicas até impactos no consumo irracional e no bem-estar psicológico.

No entanto, os contextos culturais e geográficos são distintos. A pesquisa de Ergin e colaboradores teve como cenário um asilo na Turquia, investigando a ansiedade em relação à morte. Moshtagh et al. exploraram determinantes da solidão no Irã enquanto Gerst-Emerson e Jayawardhana examinaram a utilização de serviços de saúde nos Estados Unidos.

As abordagens também diferem em seus focos principais. O estudo de Ergin destacou a relação entre ansiedade e bem-estar psicológico, enquanto Gerst-Emerson e Jayawardhana abordaram a solidão como questão de saúde pública, com foco nos custos de saúde. Também há diferenças nos instrumentos utilizados: por exemplo, Chen aplicou modelagem de equações estruturais, enquanto Ergin usou a Escala de Ansiedade em Relação à Morte e a Escala de Solidão para Idosos.

Os resultados variam de acordo com o objetivo de cada pesquisa. Moshtagh evidenciou a importância do número de filhos na mitigação da solidão, enquanto Gerst-Emerson mostrou a associação da solidão crônica com aumento de consultas médicas. Domènec-Abella explorou redes sociais como mediadoras entre solidão e depressão, e Ergin destacou a correlação negativa entre solidão e bem-estar psicológico.

Essas análises evidenciam que a solidão é um fenômeno complexo e multifacetado, cujas manifestações e determinantes variam conforme o contexto cultural e os fatores analisados. Apesar dessas diferenças, os estudos destacam a importância do apoio social e de intervenções personalizadas na redução dos efeitos adversos da solidão na saúde e no bem-estar dos idosos.



5. Conclusão

Este trabalho de pesquisa investigou as características da solidão em diferentes faixas etárias, identificando suas especificidades. Assim, a presente organização e revisão de artigos científicos mostrou que, embora a solidão seja um fenômeno presente em todas as idades, suas causas e repercussões variam conforme a fase da vida e o contexto cultural.

Ademais, destacam-se as seguintes questões: i. Na terceira idade, a solidão está associada a graves impactos na saúde, como aumento no consumo de serviços médicos e comprometimento do bem-estar psicológico; ii. em adultos (25-59 anos), a solidão relaciona-se com depressão e resiliência social, sendo preditiva de transtornos emocionais; iii. entre jovens adultos (18-25 anos), o suporte social se destaca como fator crucial associado à solidão, sendo mediado por estresse e saúde mental; por fim, iv. na adolescência, a solidão é influenciada por traços de personalidade, qualidade das amizades e questões emocionais, como ansiedade e depressão.

Do exposto, a revisão apresentada sublinha a necessidade de intervenções personalizadas e de apoio social em todas as faixas etárias, ao tempo em que reforça a importância de políticas públicas que promovam conexões sociais saudáveis e estratégias específicas para cada fase da vida, como fortalecer redes de apoio para os idosos e promover ambientes de suporte para jovens e adolescentes.



5. Referências

BARROSO, Sabrina Martins; BAPTISTA, Makilim Nunes; ZANON, Cristian. Solidão como variável preditora na depressão em adultos. *Revista de Psicologia*, v. 10, n. 3, p. 213-227, 2020.

CHOI, Hwanseok; BRAZEAL, Michelle; DUGGIRALA, Likhitha; LEE, Joohee. Loneliness and depression among adults living on MS Gulf Coast: Individual, interpersonal and community predictors. *Social Work Research*, v. 44, n. 4, p. 257-265, 2020. DOI: 10.1177/0020764020978677.

DANNEEL, Sofie et al. Loneliness, social anxiety symptoms, and depressive symptoms in adolescence: longitudinal distinctiveness and correlated change. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 49, n. 12, p. 2345-2360, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01315-w>.

DIEGUES, Cássia Zefa Ruas; MACHADO, Teresa Sousa. Isolamento social e solidão - intervenções com base tecnológica na população idosa: uma revisão integrativa da literatura. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.19651.22569>.

DOMÈNECH-ABELLA, Joan et al. Loneliness and depression in the elderly: the role of social network. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 52, n. 4, p. 381-390, 2017. DOI: 10.1007/s00127-017-1339-3.

ERGIN, Emine; YILDIRIM, Dilek; YILDIZ, Cennet Çırış; USENMEZ, Sevinc Yıldırım. The Relationship of Death Anxiety With Loneliness and Psychological Well-Being in the Elderly Living in a Nursing Home. *OMEGA—Journal of Death and Dying*, v. 88, n. 1, p. 333–346, 2023. DOI: 10.1177/00302228221106054. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/ome>. Acesso em: 9 dez. 2024.

FONSECA, Patrícia Nunes da; COUTO, Ricardo Neves; MELO, Carolina Cândido do Vale; AMORIM, Luize Anny Guimarães; PESSOA, Viviany Silva Araújo. Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 16, n. 2, p. 82-90, 2020.



GAN, Su-Wan; ONG, Lean Suat; LEE, Choy Hua; LIN, Yee Sin. Perceived Social Support and Life Satisfaction of Malaysian Chinese Young Adults: The Mediating Effect of Loneliness. *The Journal of General Psychology*, v. 147, n. 3, p. 249–265, 2020. DOI: 10.1080/00221325.2020.1803196.

GERST-EMERSON, Kerstin; JAYAWARDHANA, Jayani. Loneliness as a public health issue: the impact of loneliness on health care utilization among older adults. *American Journal of Public Health*, v. 105, n. 5, p. 1013–1019, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4386514/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

HAWKLEY, Louise C.; CACIOPPO, John T. Loneliness matters: A theoretical and empirical review of consequences and mechanisms. *Annals of Behavioral Medicine*, v. 40, n. 2, p. 218-227, 2010. DOI: 10.1007/s12160-010-9210-8.

HILL, Patrick L.; Olaru, Gabriel; ALLEMAND, Mathias. Do associations between sense of purpose, social support, and loneliness differ across the adult lifespan? *Psychology and Aging*, [S.I.], 2023. DOI: 10.1037/pag0000733.

KEARNS, Ade; WHITLEY, Elise; TANNAHILL, Carol; ELLAWAY, Anne. Loneliness, social relations and health and wellbeing in deprived communities. *Psychology, Health & Medicine*, v. 20, n. 3, p. 332–344, 2015. DOI: 10.1080/13548506.2014.940354.

LEE, Chih-Yuan Steven; GOLDSTEIN, Sara E. Loneliness, stress, and social support in young adulthood: does the source of support matter? *Journal of Youth and Adolescence*, v. 45, n. 3, p. 568-580, 2016. DOI: 10.1007/s10964-015-0395-9.

LODDER, Gerine M. A.; SCHOLTE, Ron H. J.; GOOSSENS, Luc; VERHAGEN, Maaike. Loneliness in Early Adolescence: Friendship Quantity, Friendship Quality, and Dyadic Processes. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, v. 00, p. 1-12, 2015. DOI: 10.1080/15374416.2015.1070352. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/loi/hcap20>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MAES, Marlies; VANHALST, Janne; SPITHOVEN, Annette W. M.; VAN DEN NOORTGATE, Wim; GOOSSENS, Luc. Loneliness and attitudes toward aloneness in adolescence: a person-



centered approach. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 44, n. 1, p. 1-16, 2015. DOI: 10.1007/s10964-015-0354-5.

MATTHEWS, Timothy et al. Social isolation, loneliness and depression in young adulthood: a behavioural genetic analysis. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 51, n. 3, p. 339-348, 2016. DOI: 10.1007/s00127-016-1178-7.

MENG, Lingbing; XU, Ruofan; LIU, Deping. Study of the prevalence and disease burden of chronic disease in the elderly in China. *BMC Geriatrics*, v. 24, p. 710, 2024. DOI: 10.1186/s12877-024-05163-2. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12877-024-05163-2>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MOSHTAGH, Mozghan; SALMANI, Fatemeh; MOODI, Mitra; MIRI, Mohammad R.; SHARIFI, Farshad. A perspective on the sense of loneliness and its determinants in Iranian older people. *Psychogeriatrics*, v. 22, n. 2, p. 256-263, 2022. DOI: 10.1111/psych.12809.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Social isolation and loneliness. Disponível em: <https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/demographic-change-and-healthy-ageing/social-isolation-and-loneliness>. Acesso em: 28 nov. 2024.

QUALTER, Pamela; VANHALST, Janne; HARRIS, Roger; LODDER, Gerine; BIERMAN, Kimberley; DUNBAR, Robin I. M.; MICHELS, Nathalie; VERHAGEN, Miriam. Loneliness across the life span. *Perspectives on Psychological Science*, v. 10, n. 2, p. 250-264, 2015. DOI: 10.1177/1745691615568999.

QUANDT, Thorsten; KLAPPROTH, Johanna; FRISCHLICH, Lena. Dark social media participation and well-being. *Current Opinion in Psychology*, v. 45, 2022. DOI: 10.1016/j.copsyc.2021.12.008.

RO VITO, Kathy E. et al. Social-ecological correlates of loneliness among young adult U.S. males. *Health Education & Behavior*, v. 49, n. 1, p. 19-28, 2022. DOI: 10.1177/15248399221092753.

SANDY JÚNIOR, Paulo Afonso; BORIM, Flávia Silva Arbex; NERI, Anita Liberalesso. Solidão e sua associação com indicadores sociodemográficos e de saúde em adultos e idosos brasileiros:



ELSI-Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 38, n. 8, e00213222, 2022. DOI: 10.1590/0102-311XPT213222.

SCHMIDT, Renae D.; FEASTER, Daniel J.; HORGIAN, Viviana E.; LEE, Richard M. Latent class analysis of loneliness and connectedness in US young adults during COVID-19. *Journal of Clinical Psychology*, v. 78, n. 4, p. 1-14, 2022. DOI: 10.1002/jclp.23326. PMCID: PMC9088272.

SILVA, Janderson Diego Pimenta da; MARTINS, Isadora Viegas; BRAGA, Luciana Helena Reis; OLIVEIRA, Cesar Messias de; LIMA-COSTA, Maria Fernanda; BRAGA, Luciana de Souza; TORRES, Juliana Lustosa. Diferenças nos determinantes do envelhecimento ativo entre idosos brasileiros e ingleses: uma análise com base nas coortes ELSI-Brasil e ELSA. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 23, n. 5, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023>. Acesso em: 1 jan. 2025.

SILVA, Priscila Cristine Araújo da; NUNES, Fernanda Magalhães. Solidão e suas repercuções psicossociais no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais*, v. 25, n. 2, p. 153-163, 2023. DOI: 10.5935/1679-3171.20230024.

SUAREZ, Loredana L. & GIL, Ethel C. Adolescência e solidão: um estudo sobre os sentimentos de solidão e as relações sociais no contexto escolar. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 25, n. 1, p. 47-59, 2020.

TEDESCHI, Ronald G.; CALHOUN, Lawrence G. Posttraumatic growth: Conceptual foundations and empirical evidence. *Psychological Inquiry*, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2004. DOI: 10.1207/s15327965pli1501_01.

WANG, Yan; LI, Hua. The Role of Social Support in Depression, Loneliness, and Quality of Life among Adults with Chronic Illness. *Journal of Health Psychology*, v. 29, n. 8, p. 1024-1037, 2024. DOI: 10.1177/13591053211047745.